

RACIOGINIO DE "PIRATA"



Elle: — Meu Deus, quanto . . . terá ella naquella bolsa? . . .

ROYAL - STORE

Velludo chifon
Pura seda
Todas as cores
Metro 48\$666
Grandes exposições
— DE —
authenticos tapetes
PERSAS e ORIENTAES
TELEPHONE N. 6717



RUA DO OUVIDOR, 189

IMP. NA CASA HOEPFNER & CO., LTD. — AV. MEM DE SÁ, 236-240

O TERROR DO HOMEM !!

Esterilidade — Debilidade sexual — Esgotamento nervoso — Fraqueza senil — Cachexia organica — Inappetencia genesica — Neurasthenia — Pouca virilidade, produzida por excessos, curam-se com o

“SEXUOL”

Preparação opoterapica, feita segundo o methodo de Brown Sequard. — Preço do tubo 10\$000

DEPOSITOS { **RIO DE JANEIRO** — HARGREAVES & CIA. — Quitanda, 17.
S. PAULO — MESSIAS, ANDREUCCI & CIA. — *Drogaria Internacional* — Rua Quintino Bocayuva, 18.



Comprar barato na: **CASA ESTRELLA**
 camisas americanas, meias de sêda,
 collarinhos de linho, pyjamas,
 gravatas de luxo, etc.

R. OUVIDOR, 134

Leia, recorte e guarde!

Sem compromisso algum para V. Excia., **ARMA-MOVEIS** faz questão de apresentar orçamentos para limpeza, concerto e lustro dos seus moveis, colocação de tapeçarias, estofos, etc. — Faz mudança por pessoal proprio, ex-empregados da Red-Star.

Consulte : Norte, 6574
 132, Rua General Camara, 132

ESPECIALIDADE EM
 TECIDOS INGLEZES

Albuquerque

ALFAIATE

Tel. C. 4585

RUA 7 DE SETEMBRO N. 97 - Sob.

Edições da Grande Livraria Editora LEITE RIBEIRO

Nossa casa, notavel pelo seu enorme e variado sortimento de livros de sciencia, pedagogia, literatura, etc., tanto nacionaes como estrangeiros, apresenta, nesta relação, os melhores trabalhos que tem no prelo, a sahir por estes dias:

Livro do soldado, do Prof. Osorio Duque Estrada, da Academia, prefacio do Capitão Gregorio da Fonseca, do Estado Maior do Exercito.

Cidades brasileiras ao longo da Estrada de Ferro Central do Brasil, do Prof. Dr. Ferreira da Rosa.

Mortalhas, (Os deuses em ceroulas), satyras do inolvidavel Emilio de Menezes.

Litteratura e Arte brasileira, — de Sylvio Rangel de Castro.

Sacco de Gatos — contos humoristicos de Bastos Tigre.

Fonte da Carioca — poesias humoristicas de Bastos Tigre.

Ultimas Rimas — do saudoso Emilio de Menezes (2ª edição).

A Isca — novellas de D. Julia Lopes de Almeida.

Os erros dos mestres — do Prof. Assis Cintra.

O milagre das flôres — de D. Julia Lopes de Almeida.

Aventuras maravilhosas de Levabreck e Patapuff — hilariante historia phantastica infantil illustrada, de Yantok.

Os classicos e o antigo vernaculo, — do Prof. Francisco Assis Cintra.

O Paiz dos Deuses — aspectos, costumes e paisagens do Japão moderno, com excellente illustração.

Gansos do Capitolio — nova série das notaveis chronicas (série de 1921) do Conselheiro X. X.

As virgens amorosas — romance de Théo Filho, nova edição.

A Serpente de Bronze — outra série das

afamadas chronicas do Conselheiro X. X., nova edição.

Bolhas de Sabão — humorismos de Bastos Tigre, nova edição.

Contos e Chronicas — de Felicio Terra, nova edição.

Nunca mais... — de Cecilia Meirelles (poesias).

A Grande Felicidade — romance de Théo Filho.

Vesperal — contos de Coelho Netto.

Compendio de Philosophia — do prof. Dr. Etienne Brasil, nova edição.

Codigo Civil Annotado, do Dezembargador Vieira Ferreira.

Tratado de Medicina Legal — notavel obra do saudoso Dr. Souza Lima, nova edição.

A Situação Financeira (e os meios de dominar-a), do projecto financista e economista Dr. Leite e Oiticica.

Corações infantis — contos do professor Assis Cintra.

Revelações historicas para o Centenario — do professor Assis Cintra.

As Enervadas — de Mme. Chrysanthème.

O Exame de Portuguez — do professor Julio Nogueira, nova edição completissima.

Revista Geral de Direito, Legislação e Jurisprudencia — 14º fasciculo.

A Caricatura no Brasil — (entrevistas de arte) de Gastão Penalva.

Curiosidades Norte-Americanas (versão autorizada e illustrações de G. Pavis) de Otto Prazeres.

Lyrios Agrestes — poesias de Francisca do Souto (Herminia).

Pedidos directamente, desde já, á Grande Livraria Editora

LEITE RIBEIRO

Ruas: Bethencourt da Silva, 15, 17 e 19 e 13 de Maio, 74 e 76

Caixa Postal 899

Endereço telegr. ETIEL

Telephones: Central 250 e 386



O nosso vicio mais elegante dos meados do seculo ultimo, era, como se sabe, o rapé. Nos salões, na rua, no theatro, não havia rapaz brasileiro verdadeiramente mundano que não puxasse a sua caixinha de tartaruga ou de ouro, mergulhando nella o pollegar e o indicador, e aspirando, deliciado, uma pitada de pó escuro, que era devolvido, depois, com estrondo, espantando as pessoas que se achavam proximas. Mesmo as senhoras, e até as moças, não fugiam á fatalidade daquella moda. E de tal forma, que era raro beijar-se uma pequenina mão fidalga, acostumada ao anel ou á luva, sem encontrar nas pontas dos dedos o vestigio daquelle uso repugnante.

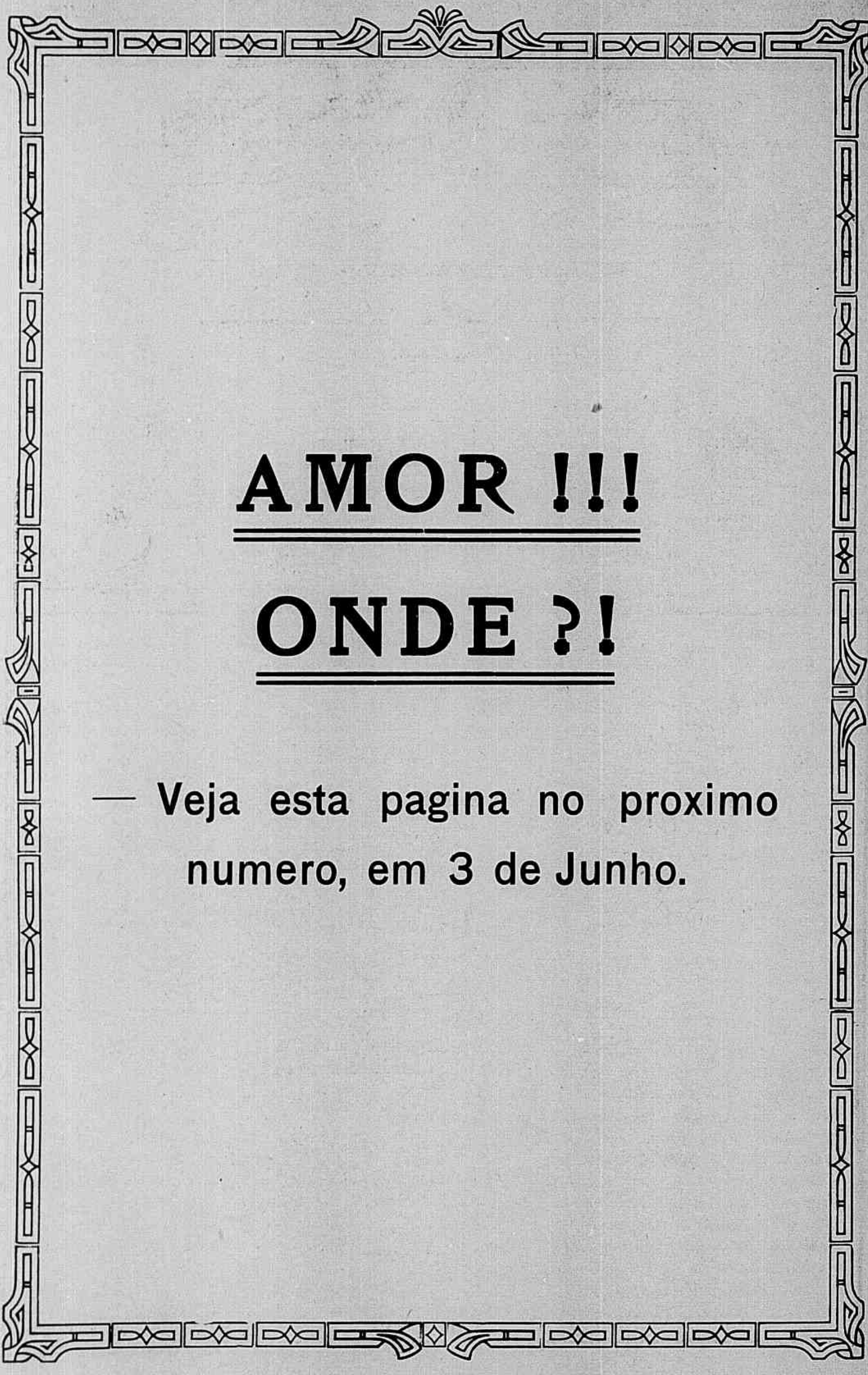
Para algumas pessoas, o rapé constituia, apenas, um habito chic; para outras, porém, tornava-se um vicio como o alcool, como o fumo, e como, ultimamente, a cocaina, o ether, o opio, a morphina. Dominado por elle, o individuo não se podia mais conter. E depois, vinham as consequencias: a insomnia, a alteração nervosa, que ia mesmo á loucura, nas suas manifestações mais terriveis. A idéa dessa intoxicação progressiva era ás vezes tão persistente, que alguns iam até o roubo,

para obter uma pitada. O vicio obcecava-os, dominava-os, subjugava-os, tornando-os meros escravos do seu capricho.

Rapaz das melhores rodas, pertencente á distinctissima familia dos Cardoso Rocha, que deu á politica nacional figuras como o visconde da Serra Alta e o conselheiro Feliciano da Rocha, ministro do Brasil em Bruxellas, o jovem Luiz Thomaz era um dos rapazes mais bonitos e apreciados da Córte, quando, adherindo á moda do tempo, começou a dar-se ao vicio do rapé. Absorvidas pelo snobismo da sua epoca, as senhoras achavam encantadora a maneira por que elle o tomava. E era sempre com um sorriso de admiração que acompanhavam cada um dos seus espirros, quer no Passeio Publico, onde era infallivel aos domingos, quer no theatro S. Pedro, onde tinha cadeira certa, quer, ainda, nas festas do Paço, onde as suas condições de familia, in-uma do Imperador, lhe asseguravam, sempre, uma situação de destaque.

Entre as damas que sonhavam dia e noite com a figura esbelta do Luiz Thomaz havia, porém, que lhe merecia attencções especiaes: era D. Margarida de Alvarenga, segunda esposa do conselheiro Veridiano Botelho da





AMOR !!!

ONDE ?!

— Veja esta pagina no proximo
numero, em 3 de Junho.

O banho de Suzanna

Desde que lhe deram versos a decorar para que apparecesse nas recitações dos sa-rãos de inverno,

que a moça começou a sentir curiosidade pela referencia de Castro Alves á sua homonyma biblica:

"Como Susanna a estremecer de frio..."

O-a es:al! Porque, como Susanna? Então para bater os dentes com a repios seria preciso ter o seu nome? Não! Essa historia deveria ser bem sabida, até porque no seu compendio collegial nada encontrara a respeito...

Assim raciocinava a linda Susanna, estada na sua banheira de esmalte de onde subia um vapor aromal de agua de Colonia, enquanto se entretinha a espremer sobre o collo róseo a esponja branquejante de espumas de um sabonete «aglaia».

Foi dest'arte, vendo as gottas rolaem sobre a tez macia, que a rapariga empreheheu fazer uma batida em regra pelas santas escripturas, até que no livro de Daniel veio um dia a achar o conto desejado, porque afinal não seria possível que nos antigos tempos uma pessoa ficasse cel:be somente por ser assejada.

Mas a narrativa tinha de verdade muito interesse.

Em primeiro lugar porque a protagonista era, conforme o biblico dizer: — «formosa a acabar» e depois porque se fizera esposa de um homem «rico a valer»...

Entrou então a considerar, á proporção que lia, em que desde aquellas épocas remotas se tornou costume frequentar casas onde ha mulheres bonitas. E automaticamente recordou as de oito ou dez amigos do seu pãe, que se achavam sempre cheias, principalmente de velhos casquilhos, de andar gottoso, bolsa referta e flor á botoeira...

Mas, proseguiu na leitura:

"Versiculo 7: — E ao meio-dia, quando o povo se tinha ido, entrava Susanna, e passeava no pomar do seu marido.

"8 — E estes velhos a viam entrar e conceberam uma ardente paixão por ella;

"9 — E assim pervertêram o seu sentido, e voltãram os olhos para não verem o céo..."

E interrompendo a leitura com um sorriso,

pensou de si com-sigo: — Pude-ra! Tinham aqui em baixo cousa muito melhor..."

O'hou-se um instante no espelho da sala, onde se escondêra para sem interrupção saciar a curiosidade, e reatou:

"10 — Elles estavam ambos fe:idos do amor de Susanna, e todaviã não declararam um ao outro o motivo da sua dôr.

"11 — Porque se envergo-nhavam de descobrir um ao outro o seu li:idinoso appetite, tendo cada um tentação de corromper a Susanna.»

Aqui, nesse passo, a menina to nou a interromper a leitura para escrever á margem de um jo:nal certa palavra do versiculo cujo sentido lhe escapava. Que diabo de appetite seria esse?

Depois, proseguiu:

"12 — Assim elles (que sem vergonhas! julgou) observavam todos os dias com grande cuidado o tempo em que a poderiam ver. Um dia pois disse um ao outro:

"13 — Vamos para a casa, porque são horas de jantar. E tendo sabido, separaram-se um do outro.

"14 — Mas tornando logo a vir, se encontraram de novo no mesmo lugar..."

E recordando que o Juca e o Chiquinho quando andavam juntos applicavam o mesmo plano para a encontrarem cada um por sua vês, murmurou: — Saffa! Como isto é velho! — E agora, mais curiosa que nunca, continuou:

"15 — Aconteceu pois que, aguardando elles uma occasião opportuna, entrou ella enfim como tinha de costume, e quiz lavar-se no pomar, porque fazia calma..."

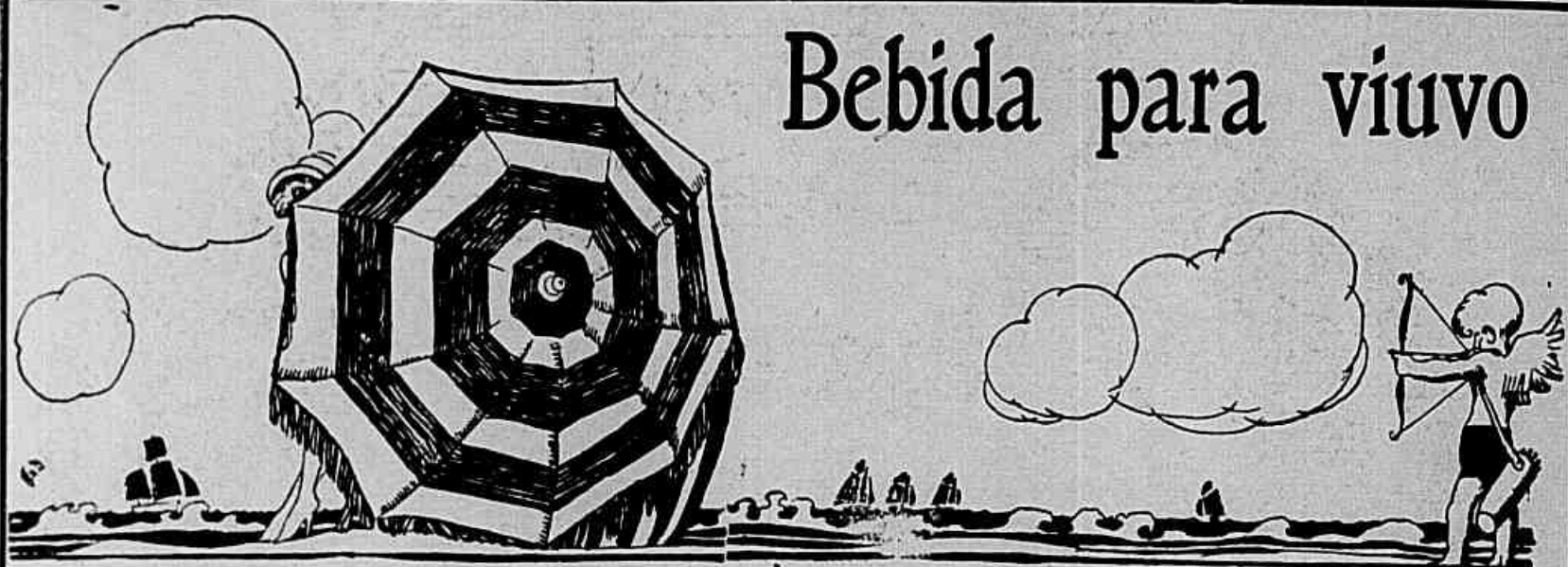
— Ah! Não! Positivamente esta senhora sabia que estava sendo espiada! — considerou a pequena maliciosa.

"16 — E não estava então ali ninguem, senão os dois velhos (ora, esta! E os dois velhos não são ninguem?) que estavam escondidos.

"17 — Disse pois Susanna ás donzellas: — Ponde-me cá os oleos e as pomadas e fechaes as portas do jardim, para eu me lavar.»

E' boa! Nesse dia ella só desejava dois

Bebida para viúvo



Se foi esse o desgosto que matou Dona Bemvinda, ninguém sabe; o que é facto, é que o sr. Athanasio tinha uma predilecção especial pelas bebidas, a ponto de passar semanas inteiras emendando as carraspanas.

O que ninguém pôde contestar, entretanto, é que elle adorava a muher. E' verdade que elle não a obedecia, quando ella lhe supplicava, agarrando-lhe as mãos:

— Não bebas mais, Athanasio! Tem piedade de mim! Isto me matará de vergonha!

As pessoas que ouviam isso asseguram que Dona Bemvinda morreu, mesmo, de vergonha; outras acham, porém, que foi de umas pauladas que o marido lhe applicou, ao regressar, alta madrugada, mais bebido do que nunca.

Cunha, que era, então, ministro da Agricultura, e que foi, depois, senador pela provincia de Minas Geraes. O pelintra estimava-a de véras, e como fosse correspondido, não tardou que se tornassem amantes, encontrando-se, com a cumplicidade dos creados, na propria casa do ministro, nas noites em que este ficava no Paço até mais tarde, resolvendo as crises politicas tão frequentes naquelles dias de guerra.

Certa noite, aconteceu, no entanto, o que tinha, fatalmente, de acontecer. Estava Luiz Thomaz tranquillamente no leito ministerial, conversando cousas de somenos importancia, quando D. Margarida ouviu os passos do esposo, que subia, já, a escada do primeiro andar, onde ficava o dormitorio.

— Meu marido! — exclamou a pobre moça, empallidecendo, a olhar, afflicta, para todos os lados.

E empurrando o amante, com roupa e tudo, para o tapete:

— Esconde-te! Esconde-te debaixo da cama! Esconde-te, pelo amor de Deus!

Rapido como uma lebre em perigo, Luiz Thomaz desapareceu, com o calção, a casaca, o chapéo, o collete e as botinas amassados nas mãos, debaixo do leito largo e baixo, cuja

O sentimento do viúvo foi, entretanto, profundissimo. Um facto o demonstra. Certa noite, entrou elle, com um antigo companheiro, em uma das cevejarias da Brahma, e sentou-se.

— Que tomas? perguntou o outro.

— Nada.

— Nada? Tu não tomas nada?

— Não posso, filho! — obtemperou o Athanasio. — Eu não posso beber; tu não vês que eu estou de luto?

— Mas, isso é o menos! — tornou o outro. — Ha bebidas, aqui, para pessoas de luto.

E batendo na mesa, com força:

— Cerveja preta, para um!

João Fidalgo

colcha descia, quasi, até o chão. E não era sem tempo: um instante mais, e o conselheiro Veridiano entrava no quarto, descalçando as luvas e sentando-se á beira da cama, para beijar carinhosamente a mulher.

Marido excellente, o velho mi

nistro contava á esposa, sempre, tudo que succedia nas reuniões governamentais. E começava, já, a narrar a D. Margarida, que simulara accordar extremunhada, os successos da reunião dessa noite, quando, homem do seu tempo, metteu a mão no bolso da casaca, tirou de lá a sua caixinha dourada, abriu-a, aspirou uma delada de rapé, espirrando, em seguida, com força. E ia recommençar a narrativa, quando sentiu que lhe tocavam nas pernas, e que sahia de sob a cama, suspendendo a ponta da colcha, uma grande mão nua, com o pollegar e o indicador abertos, como as unhas de um caraquejo.

De um salto, o conselheiro ergueu-se, recuando até á parede. Tomou, porém, coragem, e suspendeu a barra da colcha.

Era Luiz Thomaz que, sentindo o cheiro do rapé, e não se podendo conter, lhe pedia, afflicto, a esmola de uma pitada!

X. X.





A nova-rica

Dona Marina Bordallo é uma dessas senhoras que deviam rezar todas as noites, um rosario inteiro pela salvação do ex-imperador Guilherme II. Mulher de um antigo caixeiro despachante, exercia o rapaz o seu mister, ganhando apenas o ordenado de oitocentos mil réis, quando rebentou a guerra. Senhor de uns dois contos de reis de economias, comprou, com elles, em um leilão na Alfandega, um lote de ferragens abandonadas. Um mez depois vendia-as elle por oito contos, com os quaes adquiriu o esqueleto de uma lancha do Lloyd. Concertou a embarcação, e vendeu-a por sessenta contos. E hoje é Dona Marina, graças á conflagração européa, proprietaria de um palacete no Leme, de outro em Petropolis e de uma fazenda no Estado do Rio, enquanto o marido dirige, aqui, os seus dois ou tres mil contos, collocados em diversas casas commerciaes.

A gorda e venturosa senhora reente-se, entretanto, da mania fundamental dos novos-ricos: quer saber da fortuna de toda a gente, para estabelecer confronto com a sua. Aos seus olhos, parece-lhe uma vergonha, uma ignomia, uma pessoa não possuir qualquer cousa de seu. E é com a superioridade de quem não está nessas condições, que ella offerece o seu endereço, quando lhe apresentam alguém:

— Rua Barão de Cajahy, quatrocentos e seis.

E accentuando, com desfastio:

— Casa propria...

Nas conversas que tem, o seu interesse maior consiste em saber as posses dos outros. Se alguma das amigas lhe diz que vae veraneiar em Petropolis, em Therezopolis ou em Friburgo, a sua pergunta é

infallivel:

— A casa é propria?

Ou se se trata de alguma fazendola:

— E' fazenda propria?

Habituada áquella vaidade, as pessoas mais intimas já não estranham. Dona Marina é bôa amiga, e não convem desgostal-a. Tem ella automovel proprio, frisa propria nos theatros, e isso é bastante para que ninguem a ache ridicula, pelo menos publicamente. Um destes dias, porém, uma das suas amigas, Mme. Penedo Maia, não se conteve, e soltou, sem querer, a maior das gargalhadas que têm reboado no Municipal.

Binoculo em punho, examinavam, as duas, a casa quasi cheia, mirando-se em peitilhos de casaca e devassando, curiosas, decote por decote, quando a vista de Dona Marina parou na platéa, sobre um casal chic, que a sua rastaqueirice não conhecia.

Interessada pergunta á amiga:

— Quem é aquelle rapaz que está alli, na terceira fila, a segunda cadeira, daqui para lá?

— E' o doutor Jorge Octavio. E' medico, — informou a amiga, que conhece toda a gente.

— E a moça que está perto d'elle?

— E' a senhora, — tornou a outra.

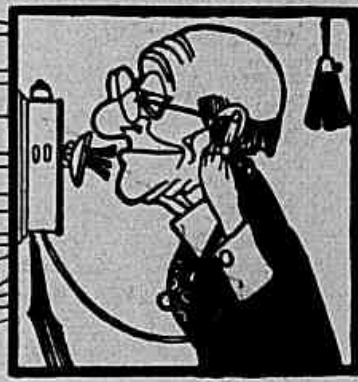
E Dona Marina, sem tirar o binoculo do casal:

— E' mulher... propria?

Tonente Freitinhas



"POTINS"



As pequenas tragedias

Pouco a pouco, foi a loura senhorita se impressionando pela figura insinuante daquelle rapaz, que a familia della tanto considerava. A principio, foi uma estima simples, entre os dois. E quando olharam para traz, viram que já estavam longe, e que não podiam mais retroceder.

Foi nesse caminho, e nesse ponto da viagem, que o illustre medico, pae da menina, chamou á ordem a filha: o rapaz era casado, e seria uma loucura continuarem naquella illusão. Voluntariosa e apaixonada, a moça bateu o pesinho, e resistiu: ou a familia fechava os olhos á sua paixão, esperando a solução que o destino offerecesse, ou ella precipitaria tudo, fugindo de casa.

Entre os dois perigos, o velho pae optou pelo primeiro. E a loura senhorita continúa na sua illusão, encantada com a paixão do seu escolhido, e a aguardar, de olhos no futuro, a solução que espera do destino, e que demora, e não vem...

No despenhadelro...

Ha seis annos, viviam ella, e o marido, muito felizes. Não eram «chics» nem mundanos. Gozavam a vida com singelleza e honestidade, e isso lhes bastava.

Certo dia, mudaram-se para Botafogo. O

contacto com uma sociedade nova deslumbrou-a. Pediu vestidos caros, joias de grande preço, camarote no Municipal, e nada lhe foi recusado pelo esposo. Faltava-lhe, para equiparar-se ás amigas, um amante. Como não podia pedil-o ao marido, encommendou-o a uma das suas companheiras de passeio na Avenida, a qual lhe arranjou um, de primeira ordem: jovem, bonito, cubiçado, e riquissimo.

Apesar de experimentado, o rapaz ficou preso á linda senhora. As cousas estavam, porém, se complicando, e elle, macaco velho, embarcou de repente para a Europa, de onde lhe telegrapha quasi todos os dias.

Aqui, entretanto, a situação está gravissima. O marido della soube de tudo, apanhou as provas de tudo. E' louco, porém, pela mulher, e pretende salvá-la.

E ella, coitada! amada pelo marido e amando o outro, passa, agora, assim, os seus dias, e as suas noites, na certeza de que não voltará mais, nunca mais, aquella vida de tranquillidade, que perdeu...

Berlitz

MÁ LINGUA



- Então, a Lilita vai casar ? !
- E que ha de mais nisso ?
- Pergunta antes, filha, que... ha de menos. !



espectadores! As mulheres têm caprichos!...

E releu, releu e tresleu os seguintes versiculos, sem que comprehendesse muito o estranho vocabulario:

"19 — E tanto que as donzellas sahiram, levantaram-se os dois velhos (ai, que os malandros estavam de cóco-as!) e correram a ella e lhe disseram:

"20 — Eis ahí estão fechadas as portas do jardim, e ninguém nos vê: e nós ardemos de pai-

xão por ti: rende-te pois ao nosso desejo, e mistura-te connosco..."

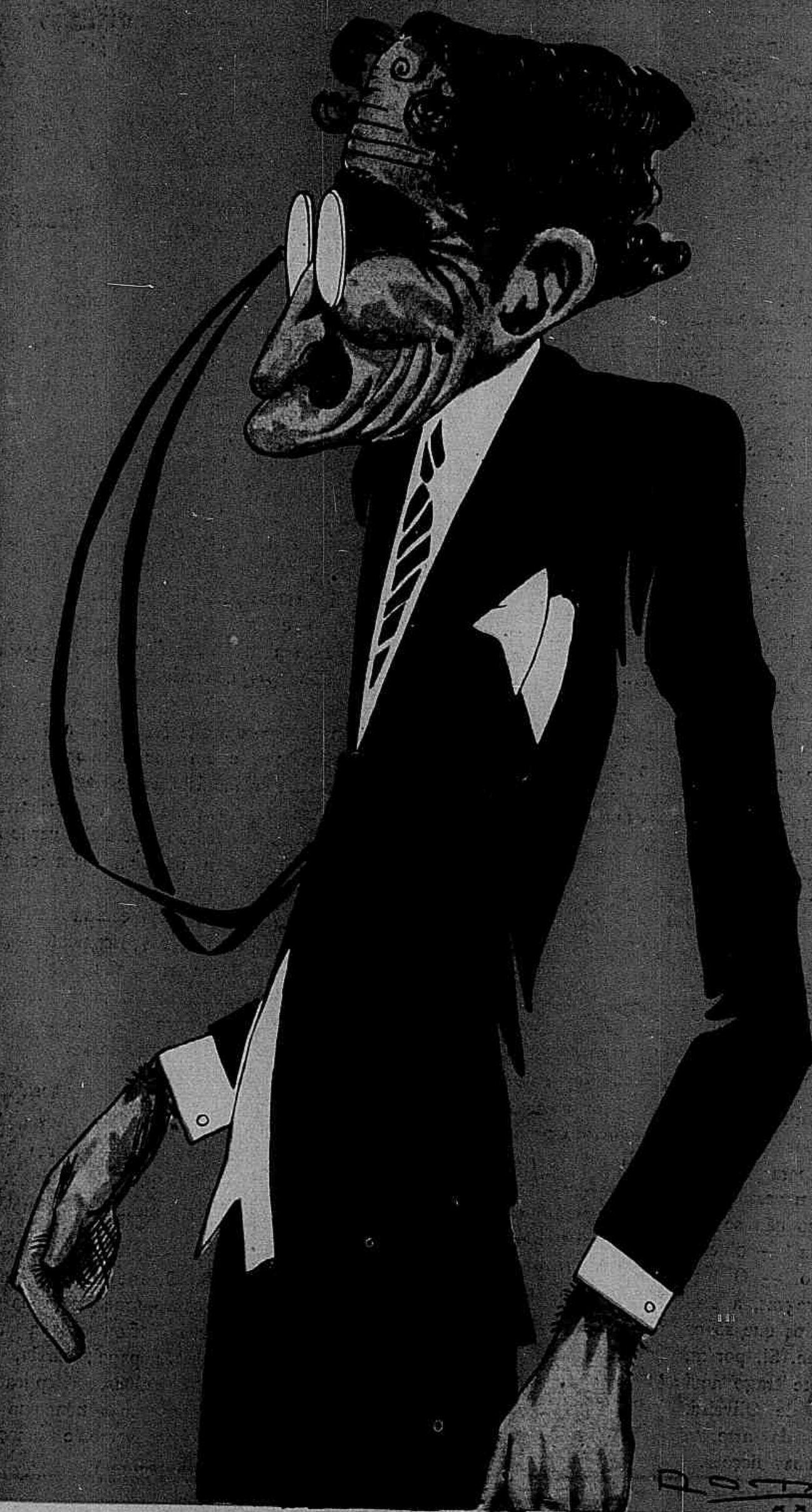
Que diabo de mistura seria essa que fez Susanna botar a bocca no mundo?

E a menina ia continuar na leitura quando senliu os passos da senhora Azevedo, sua mãe, mal tendo tempo de esconde o santo livro, que lhe parecia, agora, mais precioso do que nunca.

Gil de Laval



FIGURAS NACIONAES



AUGUSTO DE LIMA
Poeta «mé»... Iodioso

AUGUSTO DE LIMA



O formoso poeta das «Contemporaneas» nasceu em Villa Nova de Lima, provincia de Minas Geraes, em anno, mez e dia não sabidos. Excavações feitas nas minas de

Morro Velho, nas quaes foram encontrados varios machados de silex, demonstram, ao que parece, que elle é posterior á idade da pedra. O que ha de certo, porém, ou de quasi certo, é que elle se bacharelou mais ou menos em 1886, e que em 1887 possuia, já, um livro de versos, em que havia esta quadra :

A podridão é antithética :
Cria os vermes e os perfumes,
E na sua treva hermética
Palpitam ridentes numes.

Sobre a sua chegada a Bello-Horizonte, nada dizem as chronicas provinciaes. Pessoas que nasceram com a cidade, acham que o poeta pertenceu ao grupo de Thomaz Antonio Gonzaga, Alvarenga Peixoto e Claudio Manoel da Costa, com os quaes aprendeu a metrificar em Villa-Rica. D'alli, teria elle passado para a nova capital mineira, onde exerceu cargos na magistratura, na barocracia local, como director do Archivo, e afinal, na Política, que o fez chefe de Policia e, nos ultimos annos, deputado federal.

A característica do glorioso poeta mineiro, é, dizem os seus intimos, além de uma encantadora bondade e de um grande espirito, a mocidade perpetua. Conta-se que, de regresso da Europa, o fallecido Costa Senna, da Escola de Minas de Ouro Preto, lhe trouxe um remedio prestigioso, com o qual os egipcios mumificavam os pharaós. Augusto de Lima começou a encolher. Dentro delle ficou, porém, uma alma perpetuamente jovem, que se manifesta, aqui fóra, por outras cousas que se conservaram como a alma.

A accusação não é, entretanto, procedente. Ha factos, narrados pelo proprio poeta, que demonstram a sua

impassibilidade, digna de Xenócrates. Certa vez, por exemplo, era elle Prefeito municipal de Bello-Horizonte, quando veio ao Rio, hospedando-se no Hotel America. Sabendo-o nesta capital, uma cantora brasileira, senhora formosissima, chegada de Paris, correu a visitá-lo, afim de obter, gratuitamente, para alguns concertos, o theatro daquela cidade. Bateu á porta do quarto, com os dedos.

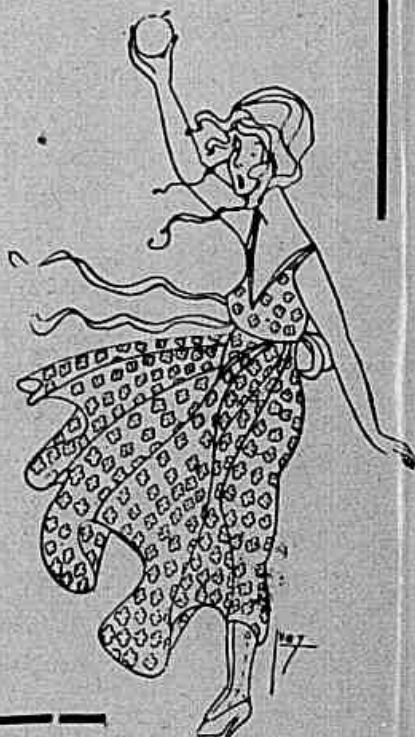
— Entre ! — ordenou o poeta, que ainda se achava deitado.

A cantora empurrou a porta, e entrou. Alarmado, Augusto de Lima, que tinha como coberta apenas uma toalha de rosto, puxou esta para o peito, que se achava nú. Ao fazel-o, porém, descobriu a perna, até muito em cima. Puxou a toalha para a perna, e descobriu o peito. A artista era, porém, amavel: equilibrou a toalha, nem muito embaixo, nem muito em cima, e sentou-se ao lado da cama, em uma cadeira. E disse ao que vinha.

Augusto de Lima conservou-se intransigente. O theatro estava comprometido. A artista insistiu. Da cadeira, em que estava, passou para a beira da cama. Augusto resistiu ainda. E tal foi a sua intransigencia, que a cantora desabou em choro, acabando por ensopar de lagrimas a toalha que cobria um terço da superficie do poeta !

Hoje, Augusto de Lima pertence á Academia Brasileira de Letras, para a qual foi eleito em 1903, na vaga de Urbano Duarte. E' admiradissimo pelas mulheres que o ouvem, e estimadissimo pelos homens de todos os credos, os quaes esperam, apenas, uma ordem sua, para collocá-lo, em couro, cabelle e ósso, num pedestal de marmore, no Pantheon Nacional.

Rodin

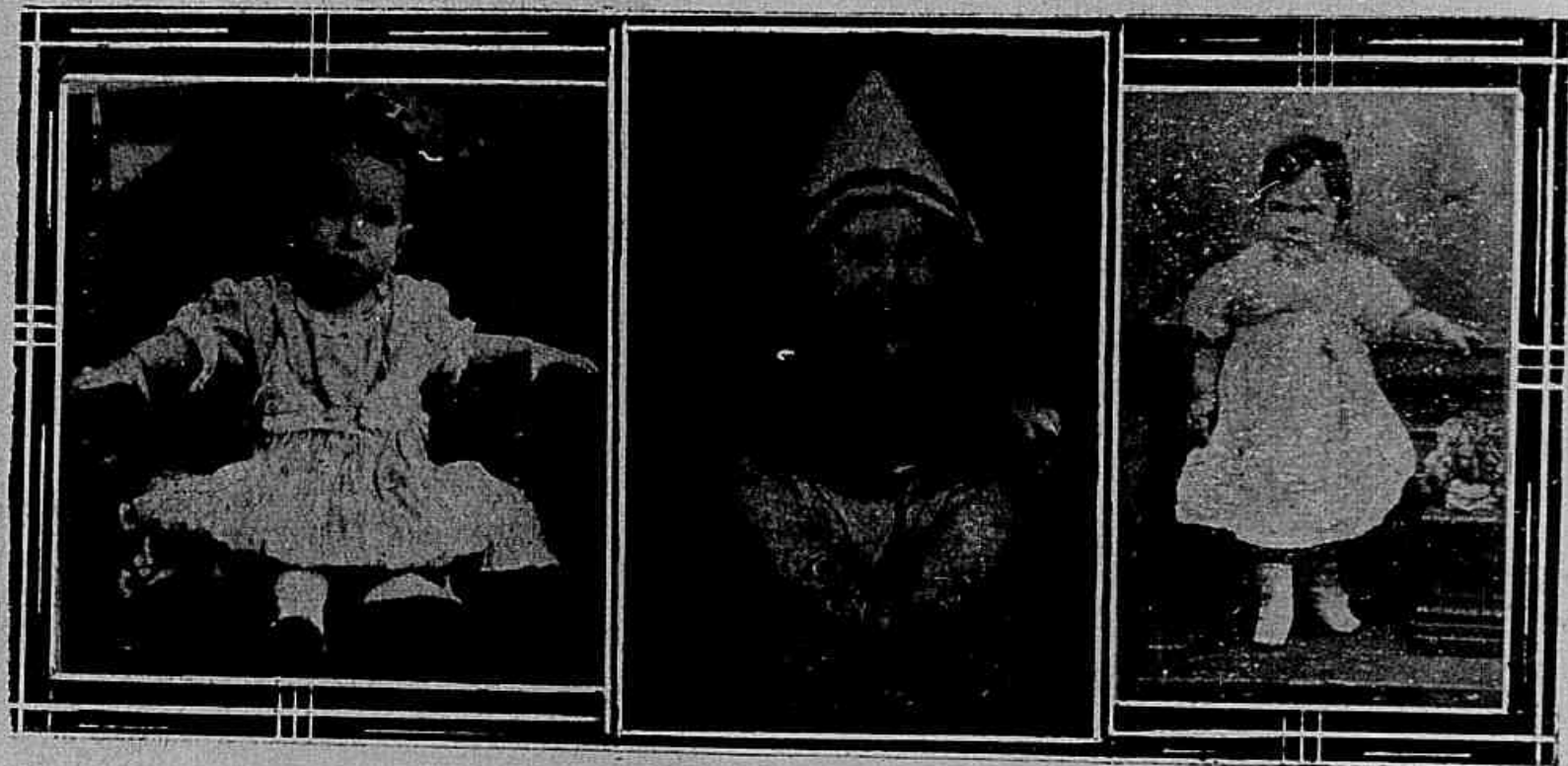




REMINISCENCIAS



O Passado e o presente



O Dr. Santos Lebo,
em 1875

O Dr. Estacio Coimbra,
em 1868

O Dr. Eypriano Lage,
em 1880

«Quando o vento sopra de tarde da Tijuca
«O coqueiro do quintal bate palmas,
«Oh que dor aguda nas nossas almas
«Passarinho que cahiu na arapuca!»

Olhos no tapete, puxando pausadamente o bigode, o grande poeta escutava a moça. Ao fim, observou-lhe:

— Está muito bem. Idéas, a minha querida discipula já as tem. Agora, precisa aperfeiçoar-se na forma, que é, em poesia, quasi tudo.

E prometeu:

— Eu vou lhe mandar um tratadinho de metrificação.

Com duas leituras, a minha linda poetisa ficará senhora

absoluta da arte!

E batendo-lhe na mão mimosa:

— Vae vê!

Antes de despedir o Mestre eminente, madame Belleza quiz mostrar-lhe outros versos. E recitou:

«Meu amor, de noitinha,
«Como eu est'ameço de gôso,
«Longe de olhos humanos
«No nosso amor criminoso.
«Dentro do meu coração
«Sinto a rosa da traição!»

— Que tal? — indagou a moça, dobrando o papel.

— Perfeitos... Perfeitos... — observou o mestre, de pé.

E accentuando, para o marido da poetisa, que sorria:

— As poetisas, doutor, têm uma vantagem sobre os poetas.

E tomando o chapéu:

— O que, nellas, não é verso, é... verdade!

Senador Fulano



O Pequeno Pollegar

Não obstante tratar-se de um rapagão, uma das nossas mais formosas figuras masculinas, ha uma senhora, esposa de um conhecido e opulento commerciante, que lhe dá o nome de Pequeno Pollegar.

— Pequeno-Pollegar? — estranhou uma das amigas, achando graça.

— Então, filha!

E brajira, passando a mão fina pelos seus lindos cabellos dourados:

— Elle tem o dedo tão pequeno!...



A POETISA



A notícia de que duas senhoras haviam conseguido os primeiros lugares no concurso de poesia aberto pela Academia Brasileira de Letras, foi discutido na casa do dr. Arduino Bellez como um dos maiores acontecimentos da história humana. Dona Celeste, quando solteira,

havia tido veleidades literárias, escrevendo fantasias e contos para um jornalsinho de normalistas, e foi com um contentamento indizível que ella imaginou a possibilidade de ganhar, assim, de um dia para outro, um premio de dois contos de reis.

E' verdade que, entre as suas locubrações literárias, não se contava, sequer, um soneto. O verso não podia ser, porém, cousa de difficil manipulação, e tanto assim que varios rapazes do seu conhecimento, que não tinham dado

para outra cousa, haviam se tornado poetas, obtendo nome de relevo nas letras nacionaes. A lyra era, aos seus olhos, uma especie de salvavidas, ao qual se agarravam, no naufragio das profissões, os fracos, os timidos, os incapazes.

Animada por esse pensamento, D. Celeste communicou, uma noite, ao marido:

— Sabes, Dudu? Eu vou ser poetisa!

— Tu?

— Então? Outras mulheres não ha, por ahi, que não sabem temperar um arroz, e que fazem versos?

— Mas, verso não se faz na panella, filha! — obtemperou o marido. — O verso obedece a regras, a preceitos, a segredos que só os poetas conhecem. Si, porém, tu queres, eu te trago aqui o dr. Alberto de Oliveira, que é mestre da arte, e elle te dará umas lições.

— Então, tral-o; Sim? — pediu a moça, pendurando-se ao pescoço do marido. — Convida-o para almoçar aqui no domingo!

No dia aprasado, a casa do jovem advogado e funcionario publico encheu-se de luz e de gloria com a presença do grande parnasiano. Alto, grave, solemne, abotoado no seu frack preto, do primeiro ao ultimo botão, Alberto de Oliveira penetrou no jardinsinho dos Castro Belleza com aquelle seu andar de quem atravessa um rio com agua até o joelho, marchando contra a correnteza.

— Apollo, nosso pae, seja nesta casa das Musas! — exclamou, em baixo-profundo, beijando a mãozinha fina de D. Celeste, que lhe pedia, sorrindo, o chapéo.

Após o almoço, em que foi bebida a saúde das Camenas, e em que o poeta maravilhoso levantou um brinde ás azas de Pegaso, representado, na occasião, pelo dono da casa, passaram

todos ao salãozinho verde da nova poetisa, ornamentado com uma secretaria de e-bano, duas estantes escuras, com livros ricamente encadernados, e aqui e alli, cercando um canapé, cadeiras de couro e almofadas de toda a espécie.

— A minha formosa discipula já tem, porventura, alguma das suas obras d'arte terminada? — indagou o Mestre, recostando-se no canapé.

D. Celeste abriu a pasta de couro, que havia na secretaria, tirou de la uma folha de papel, sorriu, pediu desculpas, explicando não ter noção nenhuma do que fosse verso, e começou:

Climas



— Todo esse agasalho é por causa do frio!
— Não, senhor.
— E toda essa diafaneidade é por causa do calor?
— Não, senhor.
— Ah! Já sei. É zona temperada!



AS MULHERES DO PEREIRA

O sr. Manoel Augusto Pereira havia chegado ao Brasil com oito annos, apenas. Metido, porém, no armazem do seu tio, o commendador André Felicio Gonçalves, era como se não se tivesse afastado da terra natal. O armazem só admittia como empregado gente vinda da outra banda do oceano, e, mesmo, da aldeia do commendador e essa circumstancia contribuia para que o Manoel não sentisse grandes saudades da patria, vivendo, como vivia, quasi em familia.

O coração é, porém, cosmopolita. Amando desesperadamente o seu rincão de Sant'Agueda, freguezia de Castel do Monte, Manoel Pereira dezechava regressar á aldeia logo que a sua situação o permittisse e ligar-se pelo casamento a uma das muitas meninas que por lá havia, com os olhos num noivo do Brasil.

No intervallo dos negocios, era esse o seu melhor pensamento, que se foi avolumando até que, um dia, com interesse no armazem, atravessou o oceano e voltou com uma das raparigas mais formosas, porventura nascidas, até hoje, naquellas terras abençoadas.

Antonia, era o seu nome. Santo Antonio servira-lhe de padrinho na capella do Bom Jesus, em Sant'Agueda, e o orago de Lisboa dera-lhe de presente uma das fortunas mais ambicionadas pelas mulheres: um rosto que era um encanto e um corpo que era uma perfeição.

A terra do Brasil não fôra, porém, generosa com creatura tão cheia de predicaos: ao fim de dois mezes de permanencia no Rio, a Antonia entregava a alma ao padrinho e o corpo a S. Francisco Xavier, deixando o sr.

Manoel Augusto Pereira preocupado com as suas saudades, e, ainda mais, com as varias complicações do inventario.

As dores de um viuvo não são, entretanto, eternas. E seis mezes depois, contrahia o sobrinho do commendador André novas nupcias, estiricio seu, mas educada, já, sob outro regimen, posando a morena Mariasinha, filha de um paisto é, sem os classicos pavores infundidos, outrora, pela febre amarella.

Casado de novo, o Manoel não deixava de estabelecer comparações entre as duas creaturas a que ligara, na terra, o seu destino. E era disso que tratava, uma vez, com um amigo recente, quando observou, a proposito de mulheres:

— Ora, vê tu, o que adianta esse negocio de andar a gente todo o dia dentro dagua. O cheiro da mulher, está é na carne, não é nos perfumes que ella põe.

E confidencial:

— Queres saber de uma cousa? A minha primeira mulher, a Antonia, por exemplo, nunca tomava banho; e, no entanto, cheirava que era um gosto. Ao passo que a segunda, a Masiassinha, não sae do banho, e...

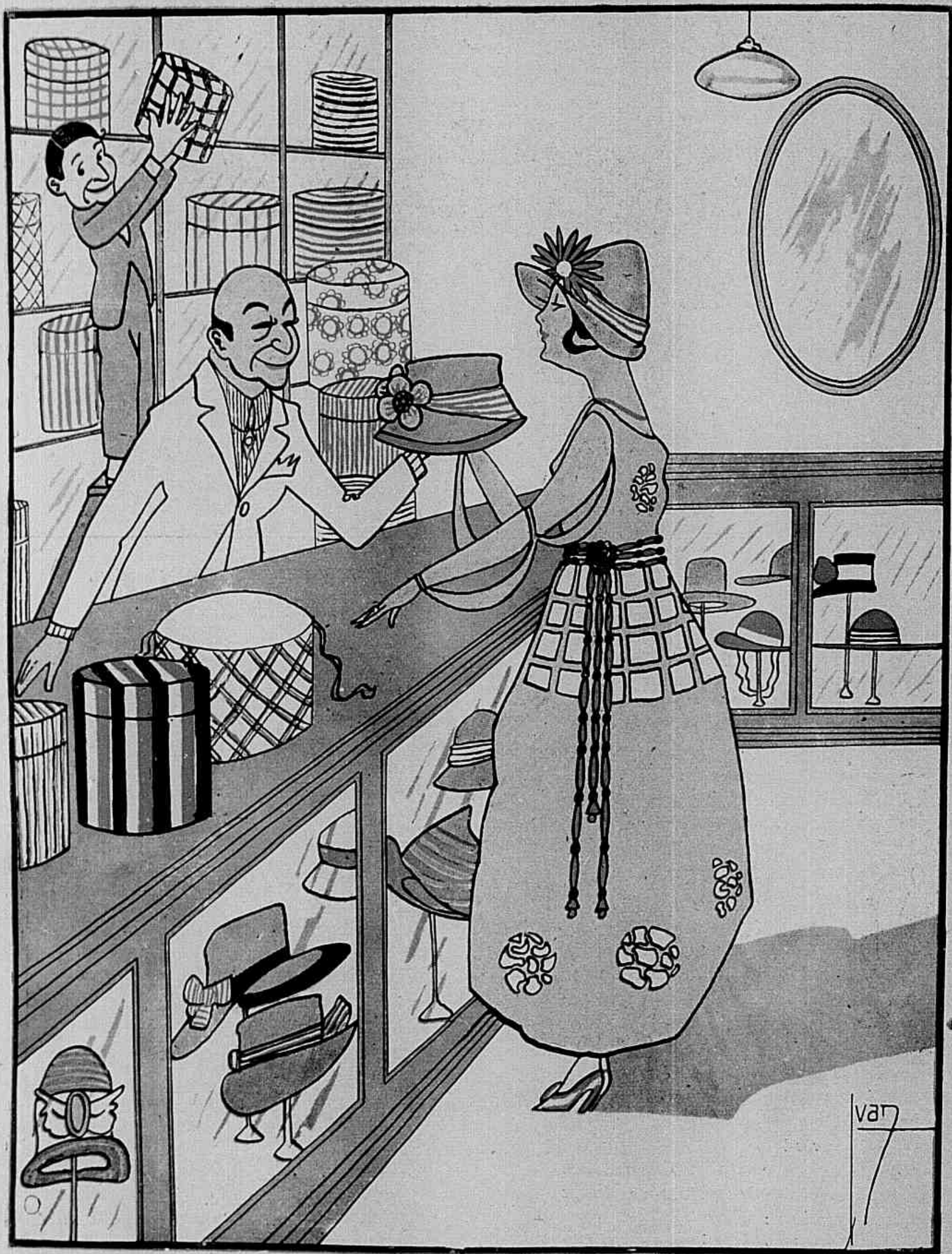
Abanou a cabeça, e concluiu, com desgosto:

— Não cheira, nem féde!

G. S.



DE SE LHE TIRAR O CHAPÉO...



- Com este chapéu terá a senhorita uma vantagem.
- ?...
- Fará um homem perder a cabeça !

ALCOVA DOS POETAS

MISERAVEL!

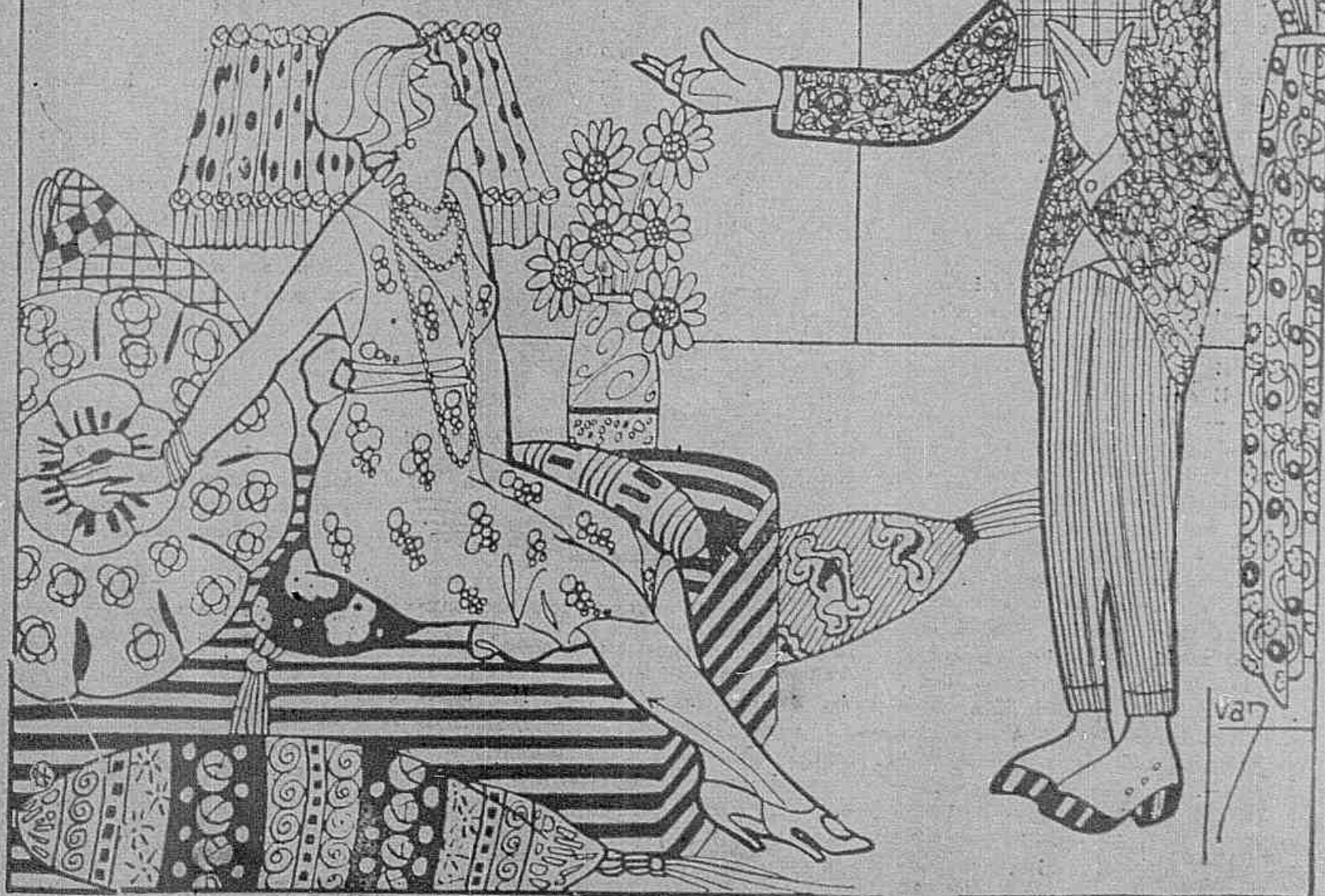
O noivo, como noivo é repugnante :
Materialão, estúpido, chorudo,
Arrotando, a proposito de tudo,
O ser commendador e negociante.

Tem a viuvinha, a noiva interessante,
Todo o arsenal de um poeta guedelhudo:
Alabastro, marfim, coral, velludo,
Azeviche, saphira, e «tutti quanti».

Da misteriosa alcova a porta geme ;
O noivo dorme num lençol envôlto...
Entra a viuvinha, a noiva... Oh, céo, contém-me!

Ella deita-se... Espera... Qual! Revôlto,
O leito estala... Ella suspira... freme...
E o miseravel dorme a somno sôlto !...

Arthur Azevedo



ODORANS

Dentifricio medicinal. O unico que evita a carie e o mau halito.
A experiencia custa apenas 2\$500

≈≈ A venda em toda parte ≈≈

OS CONTOS DO ALMIRANTE

A MAÇANETA

Desde que entrara para a Casa de Saúde, o jovem poeta Paulo Geraldino attentara para aquella enfermeira morena, de olhos grandes e negros, que lhe ia, de duas em duas horas, ministrar a poção receitada pelo professor Austregésilo. A sua alma de sentimental, a rapariga parecia um anjo, cahido repentinamente do tecto. E já imaginava rimas soberbas, versos magníficos, imagens atrevidas, com que lhe celebrasse os encantos singellos, quando resolveu mudar de tactica, substituindo o artista pelo animal.

Com a convalescença, haviam desaparecido, realmente, as imagens originaes, que a molestia suggerira. A idéa de comparar-lhe os seios a «duas terrinas de leite», e os olhos a «dois condores suspensos na ponta macilenta de uma nuvem de inverno», parecia-lhe, agora, extravagante e, mesmo, ridicula. E de tal modo que, naquella tarde, ao entrar no quarto, foi a rapariga assaltada, não por um olhar suave, mas por um pedido insolente do poeta :

— Filhinha, dás-me um beijo ?

O primeiro gesto da rapariga foi abrir a bocca, espantada. O segundo foi fechar a bocca. E ia abril-a, de novo, quando o poeta lhe saltou em cima, agarrando-lhe os braços, e empurrando-a de encontro á porta, que se fechou, com estrondo, sobre os dois.

Com a bocca tapada pelos labios do rapaz, a enfermeira não podia, sequer, soltar um grito, um ai ! um gemido. Brutal e forte, apesar da molestia, o moço paralisava-lhe os movimentos, pregando-a á porta, como se a quizesse grudar á madeira. Ao fim de alguns instantes, porém, abandonou-a, atirando-se, quasi morto, sobre a cama, atacado pela dispnéa.

Passados alguns minutos de afflicção Paulo Geraldino levantou o rosto, e esbugalhou os olhos: a enfermeira continuava no mesmo lugar, de encontro á porta, remexendo o corpo todo, o nariz para o ar, como se continuasse subjugada.

— Uái!... Que é isso ? — exclamou, dando um pulo do leito — Você está morrendo ?

E a rapariga, pallida, os olhos revirados para o tecto, remexendo-se, como se quizesse se libertar :

— Foi... a maçaneta... da porta... que me entrou... na maneira... da... sáia!...

Almirante Justino Ribas



NOSSOS COLLABORADORES



Mme. BENEDICTA

(Photogr. Bevilacqua)

CONSULTÓRIO DE



MME BENEDICTA

GALAN — Os homens são como os irracionais. Ha quadrupedes de grande porte, grosseiros e brutos, que se tornam delicadissimos com as companheiras. Ha homens educados, finos, incapazes, entretanto, de comprehender a sensibilidade feminina. O ideal do homem deve consistir, pois, na comprehensão das mulheres. E' esse, no mundo, o caminho da felicidade.

LOTHARIO — Não se considere infeliz por não ter filhos. Shakespeare, Milton, Kant, Camões e Swift não os tiveram também. A propósito, permita-me que lhe conte um caso, narrado, já, por um escriptor aqui da casa. «Certa vez — escreveu elle — conversavamos, em um grupo, sobre casamento, quando me occorreu observar o Olavo Bilac:

— E você, Bilac, não está arrependido de não haver casado cedo?

— Eu? — atalhou o magnifico sonetista, em uma das suas «blagues» encantadoras. — Deus me livre!

E explicou-se:

— Imagina que eu me tenho casado, e que me houvesse nascido um filho. Se fosse menina, se ia, talvez, a minha vergonha: poderia vir aqui para a Avenida, com o collo á mostra, os quadris em movimento, desafiando a bestialidade de toda a gente que ali anda á cata de sensações grosseiras. Qual é o pae, no Rio de Janeiro, que está livre de saber, um dia, que a filha acabou na rua Joaquim Silva, no becco das Carniçarias, na rua Luiz de Camões? A miséria humana é grande demais para que avaliemos a extensão de um possível infortunio...

— Mas podia ser um homem... — observou alguém.

— Peor! — atalhou o poeta. — A vergonha podia ser maior ainda. O meu filho podia acabar...

E concluiu, num gesto de horror:

— Deputado federal!

Em taes circumstancias, não é preferivel, mesmo, ficar sem filhos?

A. M. N. — Isso vae devagar, e é melhor assim como vae. Innocente como é a sua mulhersinha, poderá o senhor moldal-a de accordo com a sua educação, com a sua moral, com os seus sentimentos. Não seria para o senhor uma tortura, encontrar uma creatura expedita, viva, conhecedora do «metier»? O senhor seria o primeiro a soffrer com isso,

povoando o coração de duvidas terríveis, que lhe estragariam a vida inteira. Bemdiga, pois, os deuses, e beije, com alma, a companheira innocente que elles lhe de-am.

NOIVO — Faça um sacrificio. Nada de precipitações. Diz o senhor que dezeja, apenas, tirar uma prova da seriedade de sua futura esposa. Ella não lh'a recusará, fique certo. Mas, isso, que demonstra? Que ella não é pura? Que ella lhe tem amor em excesso?

Lembre-se que póde ser injusto, tomando uma cousa por outra. Para que, pois, a experiencia?

Mme Benedicta.

Hypothecando... o futuro

Ellas são seis, ou sete, e todas solteiras. Vendo-as tão sapêcas, alguns admiradores têm aventurado pedidos audaciosos, de beijos peccadores.

— Não! Não! — protesta cada uma, por sua vez.

E promete:

— Depois...

— Mas depois quando?

— Depois... do banho de Egreja!

Exigentes, os bilontas reclamam garantias, para cobrança oportuna. E ellas dão um cartãozinho perfumado, com o proprio nome, e um signal, no verso.

E o melhor é que uma dellas, por signal que a mais linda e mais jovem, já distribuiu mais de trezentos cartões!...

Razão poderosa



— E porque me enganas com uma mulher mais feia do que eu?

— Porque? Porque... não acho outra mais bonita do que tú!





Galho DE URTIGA

Suspeitas

Ingenuidade? Franqueza? E' um misterio que o pobre moço não poudé, ainda, esclarecer. A verdade é, porém, que elle foi beijar a noiva naquella noite, e sentiu-lhe no rosto uma reminiscencia de charuto perfumado.

— Que é isso? — estranhou, recuando.

— Que cheiro é esse?

— Cheiro de que, filho?

— De fumo.

— Pois, olha, — retrucou ella; — não sei de que seja.

E com uma naturalidade que o perturbou:

— E's tú o primeiro homem que eu beijo hoje!

mento, terminando por infundir-lhe coragem.

Aquellas recommendações desvendavam á moça um mundo novo. Ella escutava, attenta, os ensinamentos maternos, franzindo a testa, intrigada, quando tentava comprehender certas obscuridades.

De repente, vendo que a rapariga se mostrava apprehensiva, a matrona interrompeu o discurso.

— Que é que tens, filhinha? Em que é que estás pensando? Ha alguma cousa que te afflige. Dize, minha filha; sim?

— Eu estou com medo, mamãe! — respondeu a moça, num sôpro.

— Medo? Medo de que?

Bertha baixou o olhar, tímida, e, com toda a candura dos seus dezoito annos inexperientes, confessa:

— Eu tenho medo... por meu marido, mamãe!

E com os lindos olhos nos olhos maternos:

— Tu achas que o pae do Carlos explicou todas essas cousas a elle?

Politica... amorosa

O caso ainda está nos salões mas chegará, qualquer dia, aos gabinetes. Moço e gentil, o conhecido politico tem uma situação invejavel no paiz. E' um desses homens que nomeiam, demitem, e são lisongeados não só pelas mulheres, como pelos homens.

Uma tarde elle foi á Lallet, e viu-a. Aquelle signalsinho que ella tem no rosto, encantou-o. Telephonaram-se. Entenderam-se. Ella é divorciada, ou quasi isso. Elle não tem compromissos.

E a brincadeira lhe está custando, a elle, hoje, mensalmente, nada menos de quinze contos de réis.

O Professor

O illustre Professor de geometria não falha, agora, duas vezes por semana, áquella pensão «chic», na Gloria. A's tres horas em ponto elle entra, e sae ás seis, com os seus olhos na mão. Ha dias um amigo o surpreendeu.

— Você por aqui? — estranhou.

— E' verdade. Ando leccionando a domicilio. E' uma alumna de geometria.

— Geometria... no espaço?

— Não, menino!

E com um gesto, indicando o chão:

— Plana...

O «Lunch»

Aquelle noivado é mais um capricho do que outra cousa. Por gosto, aquella menina tão linda, e tão intelligente, não escolheria para marido aquelle rapagão bonito, é certo, mas que é, em materia de espirito, exactamente o contrario da noiva. A pilheria que ella fez com elle é uma demonstração dessa verdade.

Ao sahir de casa para ir ver a moça, o rapaz estivera brincando no jardim com um irmãosinho de quatro annos, o qual, na sua traquinagem, lhe puzera no bolso do pa'etot alguns punhados de capim verde. Ao chegar ao salão da noiva, esta deu com os olhos na herva, e indagou, rindo:

— Fulano, tú vaes a algum pic-nic?

— Eu? Porque?

E ella rindo:

— Por nada. E' porque, nos pic-nics, é que cada um leva o seu «lunch»...

Marcello Serrano

Bico de Braza



O Conselho de Praxe



A cerimonia civil havia se realisado de accordo com as formulas administrativas. Por haver proferido um «sim» muito timido, quasi imperceptivel, á pergunta machinal do pretor, mlle. Bertha Barroso havia se tornado, de repente, madame Carlos Lacerda.

Não fóssem as preocupações de vestuario para a cerimonia do dia seguinte, na Egreja,

e a moça não teria percebido a menor differença entre o celibato da vespera e a sua nova condição social. O marido havia se despedido della ás dez horas, como nos tempos de noivos. Os paes haviam-lhe desejado, como de costume, uma boa noite, e ella se vira sosinha, como anteriormente, no seu quarto de solteira.

— Isto, então, é que o casamento? — pensava ella, de si consigo, recordando a severidade com que as amigas casadas alludiam á noite de nupcias.

E concluia, como quem acaba de ter uma decepção:

— De que seria, então, que ellas teriam tanto medo?

Simple e ingenua, Bertha adormeceu nessa noite, e os sonhos povoaram o seu somno. Eram, porém, sonhos como os que sempre tivera, salvo um, em que se via tratada por «madame», e não mais por «mademoiselle». O dia seguinte ao do acto civil escôu-se com a rapidez dos minutos de ventura. Apesar do cabellereiro lhe haver feito, a pretexto de ondulações, um penteado que a desfigurava; apesar do sermão do padre, que duplicara o tempo da cerimonia religiosa; apesar das horas de espera na sacristia, — Bertha se sentia feliz.

Sua jovialidade não a abandonou, nesse dia, um instante. O almoço pareceu-lhe delicioso. A ida para a egreja, atravez de ruas apinhadas de

gente que ia e vinha, deu-lhe uma sensação de felicidade, de liberdade, que lhe alliviavam o peso, ainda tão leve, da cadeia conjugal. De manhã á noite, tudo a encanta. O jantar encontrou-a risonha como o almoço, e era tanta a sua satisfação, a sua alegria, o seu bem estar, no meio daquillo tudo, que lhe pareceu cedo demais a hora em que devia partir para o seu ninho definitivo. Submetteu-se, porém, ao que o marido e o pae haviam combinado, abraçando com alegria os ultimos convidados, que se não queriam separar, ainda, dos ultimos doces ou das ultimas garrafas de «champagne».

Um «landaulet» em que as flores de laranja começaram a amarellecer, conduziu os dois esposos ao novo domicilio, onde a mãe da moça, ida pouco antes, os esperava.

Ha, na vida, certos momentos, em que o sentimento da familia se exaspera. Foi esse, precisamente, o caso, á porta da alcova nupcial.

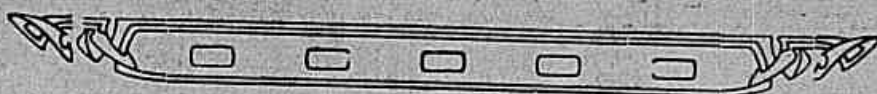
A velha senhora abraçou a filha, apertando-a longamente de encontro ao coração, interrompendo os suspiros e os soluços, apenas, para olhal-a nos olhos, como se o fizesse a ultima vez, e como se faz, geralmente, no caes, a uma pessoa querida que vae partir para uma grande viagem. Era isso tocante, tão tocante que o marido, embaraçado, ou melhor, contrariado com aquellas effusões, resolveu afastar-se um pouco, para deixar as duas mais á vontade.

Vendo-se sosinha com a moça, a matrona aproveita a oportunidade para prodigar-lhe aquillo que se costuma chamar o «conselho de praxe». Usando de rodeios, diz-lhe, amorosa, que o casamento não era, apenas, uma cerimonia civil e um officio religioso. Por meio de circumloquios, explica-lhe as obrigações de seu novo estado, seus deveres de esposa, os direitos que o seu esposo havia adquerido com o casa-





Brandão Sobrinho



Claudio de Souza, nas pesquisas a que se entregou para escrever a historia do nosso theatro, procurou, de balde, nas listas de passageiros vindos de Portugal nos ultimos vinte annos do seculo XIX, o nome de Brandão Sobrinho. D'esse facto, concluiu elle o seguinte: o popularissimo artista chegou ao Brasil como o Saccadura e o Gago Coutinho, isto é, pelo ar, sendo provavel, mesmo, que tenha vindo no balão do Ferramenta, de fugitiva memoria.

Ao contrario do que succede á maioria dos nossos actores lusitanos, que vêm consignados ás mercearias e acabam artistas, Brandão veio para o Brasil com o intuito de trabalhar no theatro. Para isso, porém, fez como aquelle tropeiro da anedota do Viterbo: deu uma porção de voltas, até que, afinal, cahiu num theatro da Avenida, isto é, no lugar em que se fazem, na vida theatral do Rio de Janeiro, as sagrações convencionaes.

Brandão é, por isso, um artista de carreira. Não ha theatro em que elle não tenha trabalhado. E no theatro, não ha papel que elle não haja desempenhado. O defunto Paschoal Segreto, que lhe elogiava essa condição, dizia que só lhe faltava, a elle, vender bala aos espectadores. E isso constitue, positivamente, uma parte da sua gloria.

O capitulo mais doloroso da vida de Brandão Sobrinho é, porém, o que se refere ás suas « tournées » pelos Estados. Do Amazonas ao Prata, de Manáos a Jaguarão, tem elle sido o que querem que elle seja. Com os papeis que tem desempenhado podia, se quizesse, montar uma livraria ou embrulhar o mundo.



Agora, entrou o artista numa phase de serenidade. O que elle procurava por toda a parte, como aquelle principe hindú do conto de Coelho Netto, encontrou aqui, a dois passos do nariz: o seu publico, a gente que o comprehenda, que o applauda, que o recompense.

O Brandão Sobrinho das companhias itinerantes morreu. Dos seus ossos, que são os do officio, nasceu o Brandão Sobrinho do «Trianon» e do «Rialto», onde vae ser saudado, em breve, por applausos de tres mil réis.

João Kaetano

Therapeutica feminina

Foi nos ultimos dias de calor, na semana atrazada. Enfiadas nas suas roupas de banho, aquellas tres creaturinhas brincavam com a areia, sentadas na praia, em frente á rua Ipanema, quando se foi sentar nas proximidades uma senhora enxundiosa, que, pelo sujo do pescoço, parecia entrar na agua pela primeira vez. Anciosa por uma intimidade, a velhota arranhou um pretexto qualquer, e, em breve, contava aos diabretes a sua vida.

— Eu vim tomar banho de mar — informava ella — a mandado do medico. E' o meu remedio, até julho ou agosto.

— E faz muito bem — atalhou um dos demoniosinhos, enfiando as mãos na areia. — A agua do mar tem muito sal, e faz um bem enorme.

E erguendo os olhos para a pobre velhota:

— A senhora não vê a carne? Está para apodrecer, bota-se sal, e não apodrece... Não é?

A matrona concordou, e o diabinho, sem rir:

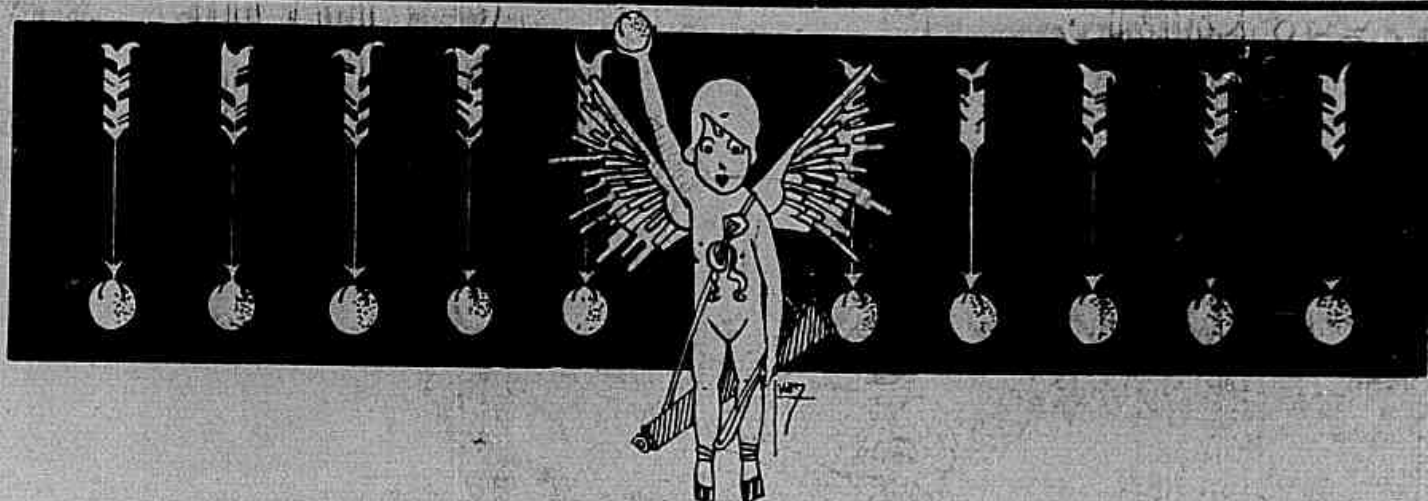
— Entre na agua... vá! A senhora está precisando de sal!



POR TRAZ DO PANNÓ...



BRANDÃO SOBRINHO
(Apanhado de meia-cara)



DE BARRIGA CHEIA...

Ninguém saberia dizer porque aquellas duas senhoras tão chics, e que amam sempre ficar em evidencia, escolheram, naquella tarde, a ultima mesa da galeria esquerda no Alvear. Assumpto muito grave as arrastava, com certeza, para alli.

— Por mim — dizia uma, — ella não se teria empenhado nessa aventura. Elle é um bandido. Seria capaz de dizer tudo ao marido d'ella.

— Mas, pelo que elle diz, a culpada é ella. Elle a accusa horivelmente! — obtemperou a outra.

rogósa» e imitava as sete atitudes da rainha

Zaiga, ameaçada por Mungoché e Ticajaira.

Aquella rainha Zaiga, de que nunca ouvira-mos falar, habitara nos confins da Rodesia, descendente dum monarca arabe do Magreb. Por sua causa houvera guerras sanguinarias, morticínios em tribus bravas da montanha de Manica e todo o léste africano ameaçara conflagrar-se num luta trevosa, quando os sabios de Lialui, guiados pelos feros Mungoché e Ticajaira, reunidos em concilio magistral, decretaram a morte lenta da filha do demonio, num campo de hervas, sob a influencia de germes misteriosos. Zaiga morrera como uma verdadeira sacerdotisa do amor, dansando os sete ritmos musicaes da sua tribu, aos olhos estaticos dos sabios de Lialui. A sua dansa de despedida ao mundo se tornara classica e fôra passando pelas mais bizarras transformações através dos seculos até aos tempos modernos.

— Mais alguns nickeis, senhores e verão a «Gorongósa»... as sete atitudes da rainha Zaiga...

Mais alguns nickeis portuguezes passaram das nossas algibeiras para a sordida bandeja. Depois fez-se um longo silencio. Dos corpos das

— Mentira! tornou a primeira, indignada. — E' mentira d'elle! E' infamia!

E irritada:

— Elle fala é de barriga cheia!

— Elle? commentou a defensora do rapaz, sorrindo.

E para acalmar a amiga;

— Quem está de barriga cheia é ella, coitadinha!

E passaram a falar mais baixo.

Jota Sô

negras presentes se exalava um vago odor perrexil. E tres novas angolenses surgiram misteriosamente do corredor vedado pela cortina de chita vermelha. Mais mulheres que as outras, tinham ancas mais fortes, seios mais pujantes e ventres menos lisos, ligeiramente atingidos por um começo d'obesidade. Afeiava-as uma monstruosa carapinha que lhes cobria metade da cabeça e lhes dava, á luz torva da sala, ares de enormes orangotangos...

Traziam pandeiros. E logo os agitaram, a um signal da magera, começando numa algazarra infernal, a dansa classica da rainha Zaiga. Mas que dansa classica! Na pequena sala, as sete negras, a sambar e a berrear, a arquear ancas, levantar braços, dar palmadas nos quadrís, nos joelhos, como se estivessem possessas, desgarradas num «sabbat» formidavel, faziam com que os estilos de Lialui nos parecessem uma desordem vulgar, num alcoice de feiticeiros, sem o menor traço de originalidade, uma chantoeira de idiotas, bôa para excitar sadicos e erotomanos, uma farça de bordel, com toda uma tôrpe exhibição de côxas e sexos... O suor em bicas, fetido, tornando o ar irrespiravel, corria pelos membros escuros das dansarinas. E o que procuravam caracterisar não passava dum grotesco batuque, evocando o saracote dos indios, na taba ameaçada.

(Do livro «Uma viagem movimentada», no prelo)

Théo-Filho



NUM CABARET AFRICANO



Ao cabo de tres minutos foi afastada a cortina de chita rubra e quatro negrinhas, mais ou menos de desaseis annos, completamente nús, penetraram na sala. As suas pélles brilhavam como coiros de animaes selvagens. Magras, porém cheias de carne, tinham os seios duros, os ventres lisos, as ancas arredondadas, os róstos horivelmente retalhados a ponta de faca, tatuados das orelhas aos cantos da bocca. «Filhas de Muata Chamba, na alta Lunda, haviam nascido ás margens do Chiumbo, dentro de jangadas de bambús, durante caçadas vernaes aos crocodilos».

— E são minhas pupilas,—esclarecia a velha. As negrinhas riam sempre, paradas, hirtas como estatuas de bronze. De repente a velha

pronunciou no seu dialecto quimbundo uma frase medonha. E os nossos corações palpitarão de curiosidade, ante o espectáculo inédito que se nos desenrolou aos olhos.

As quatro negras deram um passo á frente e dividiram-se em dois grupos distinctos. A velha agitou um pandeiro e entoou uma especie de canção selvagem que lembrava a tristesa de Metchila uivando á lua. E ao som da sua voz rachada e ao arruido soturno do pandeiro, as angoleases iniciaram uma dança de terras barbaras, agitando-se todas num rithmo misterioso e igual. Abriam as pernas, levavam os corpos perpendicularmente ao chão, levantavam os braços á direita e á esquerda, tocavam no tecto baixo. Depois approximavam-se com as barrigas, como na celeste dança do ventre, afastavam-se rapidamente, em movimentos lubricos.

— «Gelo-bem!» — bradou a velha.

E automaticamente as negrinhas pararam

— Isto chama-se a dança de «Canhangu», disse a megera. — A sua continuação está compreendida nos sete estilos de Lialui, dura sete minutos e só pode ser executada por sete mulheres... Se vossas mercês desejam... Ah! Ah! Ah!... dou de prompto a minha bandejinha...

Protestamos contra aquella extorção, vagamente convencidos de que dariamos as nossas proprias camisas para ver os sete estilos de Lialui. Mister Edward Knox, mais positivo, asseverou ter absoluta certeza de que a velha procedia com deslealdade.

A megera excusou-se do olvido, revelando, em seguida, que a continuação da dança de «Canhangu» tinha o nome de «Go-





INAH — E'... mas não pode se... assim, às claras...

LELIA — O ha!... Se queres... posso descer... aquelles «stores...» ficaremos na penumbra... «confortavel...»

INAH — Não!... meu bemzinho... não me animo...

LELIA — Vacs estragar a melhor pagina do meu album...

INAH — Do teu album?!

LELIA — E' um registro que eu tenho onde guardo as phases originaes... Todas as minhas anigas, quando se casam, me contam a primeira phrase que ouvi-am do marido, depois de fechada a porta... no momento do «enfin seuls»!...

INAH — Imagino... quanta coisa inconveniente!...

LELIA — Que engano!... Tu não calculas a collecção de banalidades e disparates que tenho colleccionado...

INAH — Pois sim... só vendo...

LELIA — E'... mas só deixa-ei ver... depois de contares a phrase de teu marido... Terá de ficar ao lado das outras...

INAH — Tem muitas...

LELIA — Bastantes... Por exemplo... o marido da Julia... ao fechar a porta do quarto... muito encabulado... perguntou sem olhar para ella: «onde estará o meu pyjama?» O Annibal... que se casou com a Margarida parece que já pensava no almoço do dia seguinte... Estava preoccupado com a dormida da cosinheira fóra de casa... «E se ella não vier amanhã?» «Ella... quem?» perguntou a Margarida... «A cosinheira... Tenho medo que fique na chuva... tu lhe deste 3 c l c s de vinho do Porto»...

INAH — Que engraçado!...

LELIA — Agora é a tua vez...

INAH — Não me lembro...

LELIA — Faze um esforço...

INAH — (depois de um momento de silencio) Não me recordo... Acho que o primeiro que fallou fui eu... Pedi para fechar a luz...

LELIA — (Com interesse) E' agora... E elle?...

INAH — (depois de um instante de silencio denotando um esforço para se lembrar de qualquer coisa...)

Elle... elle... é isso mesmo... elle não disse nada... Bulio no commutador e transformou a lampada em «veilleuse...»

LELIA — (desportada) Só?!... E depois?!...

INAH — Depois... Eu fui para o quarto de vestir... e preparei a toilette da noite... Só...

LELIA — E elle?!... Sempre callado?!... Vestido de casaca?...

INAH — Quando voltei elle já estava de pyjama... Um pyjama de seda azul claro, com listras amarellas...

LELIA — (anciosa) De pé?... Deitado?... Falla!...

INAH — Sentado na poltrona...

LELIA — E depois?!...

INAH — Enfie-me na cama... bem para o canto... no fundo... e puxei as cobertas até ao pescoço...

LELIA — (com anciedade crescente) E elle? Sempre callado...

INAH — E'... Sempre callado... olhava para o chão e para os lados... parecia que tinha perdido qualquer coisa...

LELIA — Com certeza tinha perdido a... fallá...

INAH — Pelo menos...

INAH — E tu?...

INAH — Eu?!... (p. q. na pausa) E' boa!... Vendo que elle não se mexia... chamei-o...

LELIA — Elle... então... levantou-se... Vamos... Adeante...

INAH — Não chegou bem a levantar-se... Compreendes... A poltrona estava pertinho da cama... Elle deu um geito no corpo... agachando-se... e enfiou-se na cama... embaixo das cobertas...

LELIA — E phrase?... Nada?!... Adeante...

INAH — Para animal-o a fallar alguma coisa eu disse-lhe que estava escuro de mais... Que elle podia levantar a luz porque eu já tinha mudado a roupa...

LELIA — E elle?...

INAH — Elle... levantou então... o braço e bulio no commutador junto da cama... Acho que não tinha ouvido direito... porque em vez de levantar de uma vez a luz... apagou até a «veilleuse...» e nós ficamos...

LELIA — (despontada) Em branco...

INAH — Em branco?!... Ficamos às escuras...

LELIA — E elle sempre callado?!...

INAH — Ah!... (b.tendo na testa) Ago-a me recordo... Foi isso mesmo...

LELIA — Até que afinal!... (no auge da curiosidade) Que disse elle?...

INAH — Elle?... Disse apenas isso: «Queres que eu te abraçe pelo pescoço... para dormir...».

Jan Richora

Represalia

Com a sua impertinencia habitual, o conhecido medico, afamado pelas suas aventuras galantes, procurava distrahir as senhoras, contando-lhes historias mais ou menos picantes. Exgotado o repertorio, que não era grande, começou a contar que, na sua terra, um Estado proximo d'aqui, os maridos não perdoam, nunca, as esposas infieis. Peccou, morreu. Por isso, é enorme, alli, o numero de viuvos, uma vez que as mulheres preferem morrer a serem fieis.

Por essa altura, uma das senhoras o interrompeu:

— O doutor é desse lugar? — indagou.

— Sim, senhora, — informou o desgraçado.

E madame, ferrina:

— E é orphão de mãe... Não é?





Theatro Boccacio

EMFIM... SÓS!...

Tragi-Comedia em 1 acto.

INAH — 25 annos, recém casada — morena, cabellos pretos — olhos grandes, baixa e gordinha.

LELIA — 20 annos, solteira, loura, franzina e nervosa.

DR. PEREIRA (ausente) — 50 annos, marido de Inah — Medico — Gordo, grisalho e sem barba.

ACTO UNICO

Em casa de Inah — uma semana depois do casamento desta — Gabinete de leitura — Duas poltronas — uma pequena mesa para chá — outras peças de lixo e conforto moderno, 2 horas da tarde.

SCENA UNICA

INAH E LELIA

(sentadas nas poltronas)

LELIA — Estave doíinha pa'a ouvir as

tuas impressões...

INAH — (com uma palmadinha no rosto de Lélia) Toma... as digitas... curiosa...

LELIA — O prometido é devido...

INAH — Então vieste aqui por curiosidade de saber alguma bobagem e não para me ver e matar as saudades...

LELIA — Vim para te ver também e para saber de tudo quanto possa interessar a tua felicidade...

INAH — Se eu te digo que sou feliz...

LELIA — Uhn!... Quando a gente é feliz... não tem necessidade de proclamar... Todos sentem essa felicidade...

INAH — Queres então dizer que eu sou infeliz?

LELIA — Que disparate... Ha por certo um estado de meio termo, de expectativa de felicidade que pode ser, até, pe feitamente agradável...

INAH — Queres então dizer que eu estou na expectativa da felicidade?... Pois olha... eu me sinto bem...

LELIA — Dahi... talvez tudo isso seja fruto da tua estadia tão longa na Inglaterra, onde conheste o teu marido...

INAH — Que tem a Inglaterra com o meu caso?...

LELIA — Tem o «conforto»... O inglez sacrifica tudo ao «confortavel» na vida...

INAH — No entanto elles inventaram o «flirt»...

LELIA — Ora!... Ora!... O «flirt» é o amor «confortavel»... é o beijo á distancia... sem amarrotar as roupas... de linho engomado e sem desmanchar os bandós...

INAH — Não sabia que tinhas tão apurada observação... Fico até receiosa de servir de alvo das tuas criticas...

LELIA — Tu não és ingleza...

INAH — Mas meu marido tem muitos habitos ingliezes...

LELIA — Ah!... Não sabia!...

INAH — Viveu 20 annos em Londres... O habito... bem sabes... é uma segunda natureza...

LELIA — E'... Os ingliezes são muito originaes...

INAH — Original'ssimos...

LELIA — Eu morei numa pensão em Icarahy onde havia uma inglezinha casada que tinha a mania de querer pentear os homens... com um pente enorme... de tartaruga... Uma vez ella quiz pentear meu irmão Rubens e elle não deixou...

INAH — Por que?... Que bobo!...

LELIA — Ella também achou que era bobagem delle não querer ser penteado... Mas o Rubens não deixou... Não!... Que essa historia de pentear em secco...

INAH — Em secco?!

LELIA Sim... sem b'ilhantina no cabelo era irritante... só servia para inglez, que era paciente... (rindo) Ah!... Ah!... Ah!... Que elle era brasileiro... O caso era muito diverso... Quanto mais ella penteasse... mais «a repiado» elle ficava...

INAH — O Rubens é bem teu irmão... Não podes negar...

LELIA — Mas não desconve semos... Eu vim para saber das tuas impressões... As impressões feitas... do momento solemne... do emfim... sós...

INAH — Que horror!... Imaginas então que eu vá te contar assim cruamente, ás claras, as nossas intimidades...

LELIA — Tu me prometteste... Lembas-te?...

INAH — Sim... prometti... mas sem saber o que promettia...

LELIA — Acredito... Tu não sabias o que estavas prometendo... mas prometteste...



O SEGREDO DE SANSÃO

Quando Sansão foi feito prisioneiro dos philisteus, e que Dalila lhe cortou os cabellos, houve, entre os vencidos, um enorme desespero. Se a força do formidável atleta estava na sua cabelleira soberba, como poderia elle, agora, romper as cadeias que o prendiam e correr, de novo, a subjugar os inimigos?

Reunidos os maioraes do Exército hebreu, ficou resolvido que se friccionasse a cabeça do heróe com

uma infinidade de locções, destinadas a fazer crescer o cabello. Nada, surtia effeito, no entanto.

Certa noite, porém, foi o acampamento dos philisteus despertado por um rumor de combate: era Sansão que, armado de uma clava, desbaratava inimigos, destruía tendas, com a furia de um temporal!

Derrotados os adversarios de Israel, quizeram os maioraes saber onde o heróe havia ido buscar, de novo, aquella força prodigiosa, sem que lhe tivessem crescido os cabellos. Sansão sorriu, com a bonhomia dos fortes, e segredou a cada um delles, syllaba por syllaba

— Dy... na... mo... ge... nol !...

O segredo de Sansão é, hoje, brasileiro. Procure-o á

Rua 7 de Setembro

N.º 186



LOTERIAS DE S. PAULO

Garantidas pelo governo do Estado
Extracções ás terças e sextas-feiras
Premios de 20 a 200 contos de réis

CONCESSIONARIOS:

J. AZEVEDO & C.^{IA}
S. PAULO

Vende-se em toda a parte

COMP. DE LOTERIAS NACIONALES DO BRASIL

Extracções publicas sob a fiscalização
do Governo Federal, ás 2 1/2 e aos sabbados
ás 3 horas.

RUA VISCONDE DE ITABORAHY N. 45

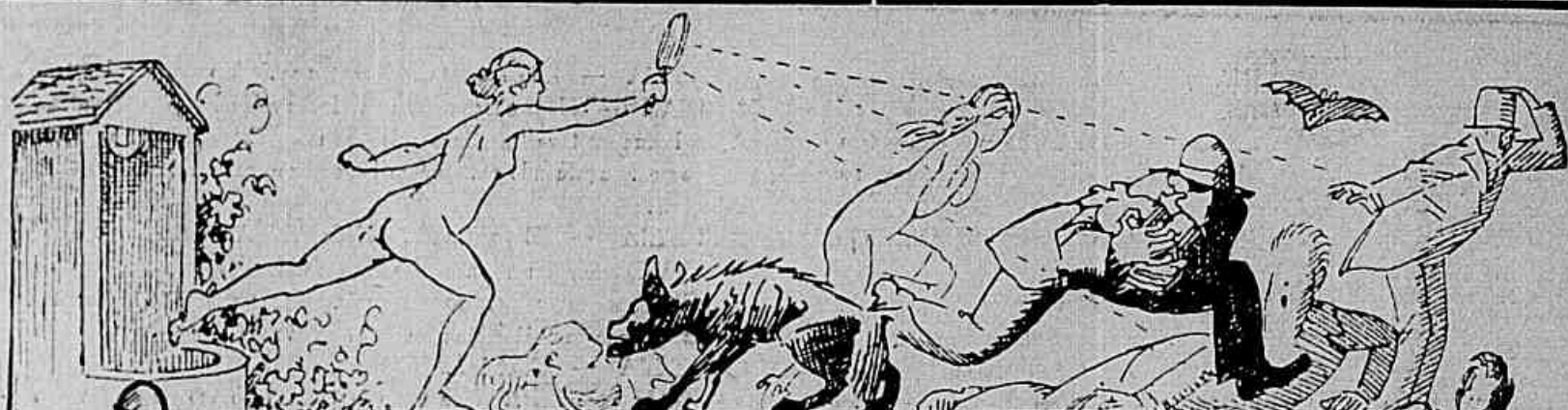
Hoje, 27 de Maio, Ás 3 horas da tarde
GRANDE E EXTRAORDINARIA LOTERIA
16.^a — 2.^a

NOVO E IMPORTANTE PLANO

100:000\$000

POR 8\$000, EM DECIMOS

Os bilhetes para essas loterias acham-se á venda na sede da
Companhia á Rua 1.º de Março, 88.



POR TRAZ DOS PANNOS

Galã...teio

Elle é, presentemente, o galã da Companhia.

Dizem mesmo que naquella celebrisada constellação, da qual fazem parte os olhos da Titina, elle é o terror dos maridos.

— E é um facto — commentava o proprio director de scena. — Eu, até vou deixar crescer as barbas para, mais tarde, ter o que pôr de molho...

Contra-acto

No esplendido copo d'agua offerecido pela Empresa Paschoal Segredo aos chronistas e artistas theatraes, em regosijo pelo

centenario da revista "Aguenta Felipe", foi notada a extraordinaria assiduidade do conhecido jornalista junto á joven corista da Companhia do Carlos Gomes.

Ja alta madrugada, quando ninguém conseguia descobrir o mysterio daquelles cochichos, a pequena, innocentemente, deixou escapar o segredo, perguntando:

— Na sua "companhia"? E quem vae ser o director de scena?

Elle, porém, chronista ja afamado, escondeu-se por traz dos oculos e respondeu:

— Não precisa, minha filha...

E piscando, um olho:

— A scena... é muda...

Typo...graphias

Ainda no "copo d'agua" do Carlos Gomes:

— Estás vendo aquelle sujeito? — pergunta o Armando Gonzaga ao Marzullo, apontando um transeunte. — Compõe typos admiravelmente.

— Então é bom artista?

— Não, filho, é typographo.

A actriz Celeste Reis, que ouviu o trocadilho, engasgou-se com uma "sandwich"

Seria idade?

Mau grado os trinta e mais alguma coisa, elle, casado, pae de 7 ou 8 filhos, vive do theatro para

o theatro e por isso faz parte do theatro official.

Mas na caixa, elle mantem a linha; não falla, não ri..

Não ri, nem mesmo quando o Chaves Florence entra em scena.

Cravos e ex-cravos

Quando a "estrella" reapareceu no palco das suas glorias, alguns ramos de flores (dois ou trez) atirados lá das torrinhas, foram cahir aos seus pés.

Terminado o numero a applaudida actriz recolheu-se amuada ao camarim, exclamando, empunhando ainda o "bouquet":

— Ora, francamente, para comprar isto não valia a pena!...

O tenor tremeu, tremeu e ficou silencioso...

Desapparecimento

Ninguém sabe da actriz Itala Ferreira.

— Uns dizem que foi á cata de uma mina de ouro, la para as bandas de Goyaz. Outros mais perspicazes, e conhecedores do temperamento da querida artista, affirmam que ella foi simplesmente "á Martinica".

Trocadilho nato

No camarim do Edmundo Maia, conversavam o joven official, aquelle actor comico e um senhor, ja de meia idade, mas que conserva ainda uma sombra da sua antiga bohemia.

Em dado momento, o venerando desembargador pergunta ao official:

— E o sr. professa o celibato?

E o Edmundo Maia, interrompendo:

— Não, sr.; elle professa... o "celinato"...

Rideau



A MAÇÃ

Director : Conselheiro X. X.

Collaborada pelos mais brilhantes escriptores brasileiros, consagrados como romancistas, como «conteurs», como jornalistas, como dramaturgos, como poetas :

ILLUSTRADA PELOS NOSSOS MELHORES ARTISTAS DO LAPIS, mestres na correcção do desenho e no espírito da caricatura :

Escripta em linguagem decente e offerecendo

UM CONTO DE RÉIS

em BONUS DA INDEPENDENCIA a quem encontrar nas suas paginas um termo obsceno :

É a MAÇÃ, hoje, o semanario de maior circulação nesta capital

Redacção: 28, RUA SACHET, 28

Officinas : AV. MEM DE SÁ, 236 - 240

OCJOO RIO DE JANEIRO OOOO



OCULOS E PINCE-NEZ

Para qualquer defeito da vista

APPARELHOS PHOTOGRAPHICOS E ACCESSORIOS

Lutz Ferrando & Cia Ltd

Rua Gonçalves Dias 40 - Rio



EXPEDIENTE

"A MAÇA"

Semanario illustrado

Director: Conselheiro X. X.

Proprietario: Humberto de Campos

Redacção: Rua Sachet, 28.

Estados:

Anno 25\$300

Semestre 13\$000

Numero avulso \$600

Capital:

Numero avulso \$500

» atrasado \$600

Agentes para os Estados:

Livraria Leite Ribeiro

Rua Bethencourt da Silva, 15. 17 e 19

HOEPFNER & Co., Ltd.

SECÇÃO GRAPHICA

EXECUÇÃO PERFEITA E RAPIDA

TYPOGRAPHIA

LITHOGRAPHIA

RELEVOGRAPHIA

ENCADERNAÇÃO

AVENIDA MEM DE SÁ, 236-240

Telephone Central 378

RIO DE JANEIRO

Para hygiene intima das senhoras
e para defeza secreta dos homens

MATIGON

Pharmacias ORIENTAL e WERNECK

BANHOS DE MAR EM CASA

Vendem-se a 600 réis — 1.º de Março
151 e nas boas pharmacias e drogarias —
Exijam a marca registrada onde se lê: Ba-
nhos de mar em casa. Unicos analyzados e
recommendados por distinctos clinicos.

PARA O BANHO O SABÃO

THYMO BORICO

CONTRA: BROTOEJAS-ASSADURAS-PRURIDOS



Edc.

Deus prejudicou o Homem de uma costella, aproveitando-a para o fabrico plastico da Mulher. — O Diabo sempre foi solidario com o Homem: — para vingal-o, interveio na obra divina, castigando a Mulher com isso que ella mesma, depois,

chamou de incommodos...

O Homem,

entretanto, — coherente com sua fraqueza inicial (desde o Eden) — seculos

após, apiedou-se da victima, fructo da sua inolvidavel costella... E inventou

A SAUDE DA MULHER

que cura todos os incommodos das senhoras.

(Foi tal "incidente" que creou a differença entre as mulheres e as bonecas...)